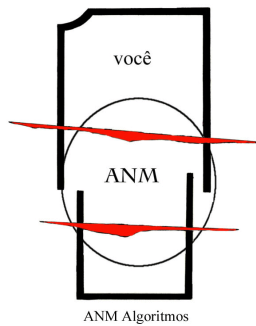


Síndromes e Complexos

III



Síndromes e Complexos
(Parte III)

O ritmo é Ópera e missa réquiem.

Em universos decadentes o fim se propõe a nada. Em mundos decadentes a beleza é a primeira a ter fim. Segue-se o fim de todos os medos. Segue-se o início de todas as orações em uma, e dirigir tal oração a Deus é um despropósito. A última oração humana e esta não poderá ser senão uma bela oração. E não poderá ser senão orada por Deus e em Última Cena. E ninguém a ouvirá. Ninguém a ouvirá. Ninguém... senão máquinas.

A ser veiculado na mídia.

1977. Os insetos iniciam uma jogada contra os répteis; quebrando um acordo [sem fim] e com isso condenando o tempo.

1998. Os répteis descobriram tal jogada dos insetos, e subentendido e instintivamente] sem fim [durante esses 21 anos, defenderam-se de forma a não se encontrarem em xeque-mate, isto é, confinados.

Os insetos estão confinados ao mundo no qual são desagregados e evoluem, são combinações. Os répteis alcançam outros mundos como o mar e a chuva, são substâncias. Os répteis se desenvolvem após uma revolução na qual criam uma cadeia evolutiva. Quando o mundo no qual se encontram entra em decadência, os répteis se apropriam da atual informação evolutiva dos insetos e rumam para outro mundo. A apropriação em si é o que faz o réptil ser ele mesmo como. A mais recente informação evolutiva dos insetos, ora especificamente residente no planeta Terra, forçou os répteis a desagregarem os insetos através de breves cadeias evolutivas. Mesmo depois de desagregarem a informação evolutiva, algumas dessas breves cadeias se mantiveram, dando origem a substâncias instáveis. Os répteis se apropriaram dessas substâncias, criando combinações desagregadoras, isto é, substâncias combinadas, mas permitindo que essas combinações se comunicassem com a informação evolutiva dos insetos. Estimulados pela relação entre o mar e a chuva, os répteis experimentaram junto a informação evolutiva dos insetos a possibilidade de participarem de tal relação (relação esta que há, mas não existe). A informação evolutiva dos insetos passou a se desenvolver dentro de cadeias evolutivas combinadas. Ora os insetos desenvolvidos não eram desagregados, mas completamente excluídos, não mais se comunicavam com a informação evolutiva. Ora a informação evolutiva tornou-se somente informação dos insetos. E os répteis não conseguiram se apropriar de tal informação, conseqüentemente, rumar para outro mundo, rumar, mas com um elemento vazio prestes a provocar um confinamento. Ora a informação dos insetos passou a se desenvolver dentro de cadeias cadenciadas de evolução. As formas desenvolvidas voltaram a se comunicar com a informação dos insetos, e a tal ponto que tais formas passaram a evoluir dentro de substâncias combinadas, provocando a evolução da informação dos insetos para informação de inseto, agregando-se a formas evoluídas, ou seja, mais substanciais. Para interferir na comunicação das formas evoluídas com a informação de inseto, e mesmo desagregar tal informação; os répteis provocaram outra revolução, colocando todas as formas desenvolvidas dentro de cadeias evolutivas estruturadas.

Lá atrás, os insetos alcançaram um nível capaz de fazê-los se comunicarem com os répteis. Para os insetos, uma relação como a do mar e a chuva, os confinaria para todo o sempre na Terra, pois tal relação não se daria entre os répteis e os insetos. E como apenas uma informação pode ser carregada para outro mundo pelos répteis a Terra se tornaria o túmulo dos insetos. E já se percebia favorecimentos dos répteis a determinadas formas evoluídas, impelindo os insetos a se tornarem uma ameaça. Ou insetos e répteis chegavam a um acordo ou os insetos agiriam de forma a destruir todas as formas evoluídas residentes na Terra..

O acordo: Os répteis se comprometiam a desenvolver uma substância capaz de se apropriar da informação de inseto ou forma evoluída capaz de alcançar outros mundos. Os insetos se comprometiam a não dificultar tal desenvolvimento e que não se chegando a uma substância e nem a uma forma, caberia aos insetos darem continuidade ao desenvolvimento. Caberia ao mar e a chuva, ambos imperdoáveis, subentender o tempo.

E o mundo em transformação compreende-se o que é hoje. E mesmo seria.

1977. Mostrando-se evidente a possibilidade dos insetos alcançarem outros mundos por meios próprios, os insetos decidem quebrar o acordo e descobrir qual a forma de vida mais próxima, ou seja, íntima dos répteis. E se fosse o caso, destruí-la.

1998. Os répteis descobrem a quebra de acordo. Acordo cancelado. Intercâmbio interrompido. Ora interação assistida a

2001. Para outro mundo, rumam o mar e Calia'ad. E sem deixar sequer um pingo de saudade. Na Terra, permanecem mar profundo e água-furtada Calia'ad juntamente com os répteis. Ora afloram passagens lendárias.

2003. Os répteis se preparam para alcançar outro mundo. Ad infinitum]]2003][. A possibilidade dos insetos alcançarem outros mundos são grandes e simultaneamente remotas. Dá-se o embate entre répteis e insetos. É óbvia a relação há, mas não existe entre os répteis e outra forma evoluída. Para descobrir e destruir tal forma os insetos se associam (em gênese) aos bípedes mamíferos, especificamente humanos, particularmente do sexo feminino; o sexo masculino apresentou um período de sobrevivência aquém do esperado, sendo assim totalmente descartado. Impedidos de se associarem aos humanos da mesma forma que os insetos, em virtude de uma questão ética, os répteis

passaram a fundir a sua forma de vida mais íntima em alguns insetos em gênese humanos. Ora denominados pelos répteis de e subentendidos pelos insetos por: Lazarus. Para chegarem aos Lazarus bastaria condenar toda a geração associada aos insetos, mas os insetos se viram duramente impedidos por uma armada ladina em terra, despertada pelos répteis por simpatia aos insetos, devido a questões de recursos naturais. É vital, primordial aos insetos se associarem em gênesis ao Lazarus, mostra-se coerente os répteis se apropriarem da informação do Lazarus e assim rumarem para outros mundos. E jogando tudo nessa associação em gênesis os insetos se fazem entender. Em princípio, a fecundidade devolve o ser a sua gênese, e se dá biológica ou psicologicamente. Em curso natural das coisas, as gênesis mutantes. Ora faz-se permear seqüências virais.

2005. Tempo condenado. 2006. Existe, mas não há. Ora dá-se o embate entre o caos e o infinito. Os insetos favorecem o caos, os répteis assistem o infinito. Ora a evolução se dá dentro de cadeias estruturadas avançadas.

A saber: Ora os répteis são máquinas.

Ora subentende o tempo : Imperdoáveis e as excelências no que diz respeito ao tratamento de injustiças: os cães.

No morgue. Delegado de polícia e médica criminalista diante de um corpo de mulher sobre a mesa de autópsia, coberto dos ombros para baixo.

— Eu preciso de um café, doutora.

— Eu de um bloody Mary! — sorri.

— Adoro esse senso de humor — sorri — Tomaremos champanhe quando nós fecharmos esse caso.

— É um caso bem complexo, delegado.

— Meus favoritos.

— E quantos dos seus favoritos você deixou de fechar?

— Digamos que eu arqueei todos — sorri.

— Adoro esse senso de praticidade — sorri.

— É espontâneo. E falando em espontaneidade, eu a vi na televisão.

— Não é bem assim. O programa conseguiu algumas fotos e eu tentei impedir a divulgação. Como não foi possível, eu me ofereci para participar do programa, e infelizmente deu no que deu.

— Como o programa conseguiu as fotos?

— A mídia consegue de tudo e esse tudo acabará dando fim a mídia.

— Sua participação foi de grande valia para a sociedade. Em todos os sentidos.

— Obrigada.

— O desfecho foi um balde de água fria. Lá estava... Eu posso descrever o desfecho?

— Vá em frente! É um bálsamo para a minha auto-estima.

— Obrigado. Lá estava a doutora sentada confortavelmente e subiu-lhe aos lábios as palavras em forma de resposta. Abre aspas. Apesar dos registros dessas fotos, estas mulheres foram bem tratadas. Fecha aspas. O apresentador hipocritamente indigna-se, apanha a foto do nu frontal, exageradamente ampliada e mostrando-a as câmeras, dirige-se aos seus telespectadores: Bem tratadas?! Olhem para os bons tratos deste cavalheiro. Olhem, telespectadores! Alguém pode me dizer onde elas foram bem tratadas? Alguém pode me dizer? A doutora se levanta, pede licença, segura a foto e com o indicador aponta onde elas foram bem tratadas. A unha em esmalte vermelho pousa sobre o sexo da mulher. Abre aspas. Aqui! Aqui! Aqui elas foram bem tratadas! Tenham uma boa noite ou vão à merda. O sentido é o mesmo na TV! É interativa, não é isso? Fecha aspas.

— Essa sou eu.

— É admirável. Tem fixação pela cor vermelha.

— Em pequenas doses. Unhas e lábios.

— Por que escolheu esta profissão, doutora?

— Para poder ser consolada pelo meu estresse, pela minha fadiga, pelas minhas insônias e pelas minhas dores de cabeça em função de Hipócrates.

— Entendo. Considera isto saudável?

— Mais do que arrependimentos.

Pausa. Ambos observam o corpo da mulher.

— Como o caso tornou-se público, estamos na iminência de mais um fim de mês e o prazo de validade da desculpa está expirado e esfriada a tensão da sua apresentação na mídia, eu estou aqui para ficar a par das suas conclusões.

— São muitas.

— Uma delas eu sei: Aonde. Agora eu espero saber como elas foram bem tratadas.

— Vamos em frente. E devido a uma descoberta recente, eu o colocarei a par desde o início. Esqueça alguns detalhes que o delegado julga saber e complemente os demais. E para uma melhor assimilação e quem sabe deduções mais próximas da realidade, nós vamos expor o caso um ao outro como se nós estivéssemos nos encontrando pela primeira vez.

— O quão recente é esta descoberta?

— Muito recente. Após a minha aparição na mídia de ganchos.

— Sou todo ouvido. Um complementa, o outro exclui. E o que se descobriu, doutora?

— No final da explanação, delegado. Temos outro corpo.

— Outro corpo! E esse corpo não é a descoberta recente?

— Não.

— Onde está o corpo?

— No final, delegado.

— No final? Se for como o final da sua aparição na TV, eu me aposento.

— Ainda é muito novo, delegado.

— Estou a 27 anos na ativa. Eu tenho filhos, sobrinhos, netos, afilhados, e ainda é capaz de considerar tudo isso de muito novo?

— Tem algum filho na corporação?

— Um sobrinho. E ainda é um cadete.

— Tanto melhor, delegado. Seu sobrinho já deve estar interessado neste caso.

— Fique certa de que eu arquivarei este caso, doutora.

— Fazendo parte dos arquivos, delegado. Para mim tanto faz. Agora vamos tomar aquele café.

— Agora sou eu que preciso de algo mais forte.

— Vamos até o quadro-negro. E dispomos de uísque, rum, gim, conhaque e licores para adicionarmos ao café, delegado.

— A doutora tem uma ligeira queda pelo álcool?

— Adoro farras — a doutora se entrega ao riso.

Diante do quadro-negro. O quadro está repleto de fotografias fixadas por alfinetes, cada qual com um alfinete.

— Como está o café, delegado?

— Apreciável.

— Como gosta de apreciá-lo?

— Puro.

— Observe. Quanto mais clara a cor, mais recente é a fotografia.

— Perdão?

— As bolinhas coloridas numa das extremidades do alfinete, quanto mais clara a cor da bolinha mais recente é a fotografia.

— Entendido. A mais recente foto diz respeito ao mais recente caso.

— Não. Não se esqueça das exumações, delegado.

O delegado bebe da sua caneca, abrindo bem os olhos. A médica pega uma caneta no bolso do avental.

— Nos 39 meses anteriores, 8 mulheres tiveram suas vidas abreviadas. Os corpos foram encontrados pela polícia, através de denúncias anônimas, em hotéis de pontos turísticos. Todas apresentavam as gargantas cortadas, e um corte na forma do número 7, começando a partir do ombro direito, passando pelo colo, descendo rente ao seio esquerdo, perfurando o coração e finalizando superficialmente próximo ao umbigo, sem atingir demais órgãos internos.

— Terrível.

— Não sentiram dor maior do que uma alfinetada. Idade das mulheres em ordem crescente: 19, 21, 23, 24, 28, 30, 35, 55. Todas mantiveram relações sexuais antes de se encontrarem mortas.

— Pervertido. Tarado! Miserável!

— Nada de precipitações, delegado. Não foi estupro. Nenhuma apresentava sinais de agressão. Não foram amarradas ou espancadas. Não foram obrigadas através de violência. Exames toxicológicos não revelaram qualquer tipo de droga que agisse de forma a inibir a consciência dessas mulheres. Nem álcool, nem estimulantes, analgésicos, soníferos ou drogas pesadas como heroína, morfina, ópio. Fato: Elas se entregaram nos moldes do amor e confiança.

— Elas foram enganadas. Elas não sabiam que seriam mortas.

— Amigos e familiares de algumas das mulheres disseram que elas estavam felizes com o novo relacionamento, sempre dispostas, bem humoradas, sorridentes, mais responsáveis. Felizes da vida de verdade.

— Elas ouviram apenas o que elas queriam ouvir. É assim que se conquista alguém. Pinta-se um mundo cor-de-rosa.

— A este seu mundo cor-de-rosa não se aplica qualquer tipo de responsabilidade. É um mundo de faz-de-conta. Responsabilidade implica bases sólidas. O delegado conseguiu alguma descrição física?

— Nenhuma. Para as pessoas próximas e curiosas elas alegavam que assuntos de ordem familiar limitava-o a segunda parte da noite.

— Segunda parte da noite?

— Das 20h:00 min às 03h:00 min da madrugada. Durante o dia eles conversavam pelo telefone. As vezes ele ligava, outras elas ligavam. Conseguimos alguns números de telefones e pertenciam a bancos, bibliotecas, museus, bares e faculdades. Nos finais de semana, eles se dirigiam para lugares mais afastados, mas não insólitos. Eles procuravam evitar apenas as pessoas mais íntimas.

— Eles?

— Com certeza, elas já se encontravam sob a influência dele. Nós estamos investigando. Estamos tentando colher material junto as pessoas que freqüentaram os locais onde as mulheres foram mortas. É impossível alguém não as ter visto.

— Com certeza, alguns dirão terem visto as mulheres. Sempre se vê uma notícia que vira notícia. Elas são belas como princesas, precisam de títulos para serem distinguidas das plebéias. E se tornarem notícia é o título de que elas precisavam e também do qual eu me sirvo.

— É reconhecida em público, doutora?

— Regularmente.

— E como é recepcionada?

— Lá vai ela! Lá vai ela! Cadela! Bruxa! Tarada! Bibelô de açougueiro! Amante do diabo! Mulher do estripador! — sorri — E como sabemos não se trata nem de diabo ou estripador.

— Sabemos? E elas podem muito bem serem classificadas como sacrificadas.

— Não condiz.

— Oito mulheres mortas da mesma forma não são o bastante?

— Não é o que me parece.

— Tudo bem, doutora. Não vamos tratar de pareceres pessoais. Trace um perfil do assassino.

A médica pensativa, num clichê, bate a tampa da caneta contra os dentes.

— Meu tipo — sorri.

— E pertinente, doutora — sorrindo — E a propósito, como se chama, doutora?

— O delegado não sabe?

— É a primeira vez que nos encontramos, doutora. Não se lembra?

— É claro! Deixe eu me apresentar. Chamam-me Frances. Mamãe detestava nomes abreviados ou na forma diminutiva. Ela se chamava Franciszca. Algumas senhoras asiladas me chamam de Franciszca.

— Alguma vez já teve problema de dupla personalidade, doutora?

— Perdão? Já não nos apresentamos?

— E então, Frances, já teve?

— Não. Mamãe me criou sozinha. Eu não conheci o meu pai e nem o meu irmão de 4 anos. Política de Estado. Eles foram presos e mamãe me criou na clandestinidade até saímos de nosso país. Mamãe, eu e papai capitalmente combalido embarcamos e escapamos do Estado.

— Eu sinto muito.

— Acontece — sorri amarelo — E quem nós procuramos é macho, forte, leve, idade X, hábil com instrumentos cortantes, boa companhia, inteligente e estéril como um diamante.

— Estéril?

— Não fértil. É incapaz de ter filhos.

— Temos aí um indício.

— Bem provável e não. Isso não faria dele um amante carinhoso. A mulher de 55 anos foi coberta de cuidados, tudo transcorreu dentro da maior delicadeza. O laudo garante tais cuidados, está tudo lá.

— Eu preciso ler este laudo com urgência.

A médica acha graça da urgência expressada pelo delegado.

— Profissionalmente, é claro. A patroa é um amor de mulher — o delegado bebe da caneca.

— Também — sorri — O café ainda está quente?

— Que café? — o delegado termina de beber da caneca.

— Mais?

— Talvez no final da nossa conversa.

— Algum progresso com as digitais?

— Nenhum. Talvez ele seja estrangeiro. Estamos enviando as digitais para polícias de outros países.

— Não se importe onde deixar a caneca. Eu as deixo em toda parte.

A médica se aproxima do quadro-negro.

— Esqueça as digitais.

— Eu sei. Trata-se de prestação de serviço. Rotina.

— Jantamos juntos?

— A patroa sempre me espera para jantar.

— Ela cozinha bem?

— Um primor de cozinheira.

— Qual a especialidade?

— O frango grelhado na cerveja é qualquer coisa de divino. O alecrim é o segredo. E a desidratação é a técnica.

— É um prato atraente.

— Ela vai adorar tê-la como convidada à mesa. Vai me dar um puxão de orelha por não ter telefonado avisando; ficará resmungando que poderia ter caprichado no jantar, que ela poderia estar em trajes de dormir, coisas do gênero.

— Eu mal posso esperar.

— Tem namorado, Frances?

— Não. Eu sou do tipo que caça à noite. O trabalho me toma muito tempo.

— Então, prepare-se. Ela vai pegar no seu pé. A patroa é uma conselheira sentimental nata.

— Será muito divertido.

— O que é isso de caçar à noite?

— Toalhas secas pela manhã.

— Eu nem tenho idéia do que será servido no jantar.

— É um bom indício.

— Qual o seu prato predileto?

— Eu dou preferência aos alimentos crus.

Delegado e médica olham para as fotografias no quadro-negro, como que por acaso.

— Eu perguntei na recepção dos hotéis se eles notaram algum casal que divergia com a alegria do local. Responderam-me que ali todos os casais são felizes, uns mais do que os outros.

A conversa se dá com ambos de olho nas fotografias.

— Agora que as fotografias se tornaram públicas, eles terão muito o que falar.

— Com certeza. E apenas os gerentes entraram nos apartamentos.
 E mesmo assim, depararam-se com os corpos cobertos.

— O que eles não falarão a respeito dos lençóis ensangüentados?
 — Bules e chaleiras.

— Esqueça o pessoal dos hotéis. A mulher de 55 anos foi encontrada na própria cama.

— Eu acompanharei o pessoal dos hotéis pela mídia.

— Esse tipo de corte não se aprende facilmente. Ele vem fazendo isso há muito.

— Ocultou os demais corpos?
 — Ele é jovem. Você tira uns 10 a 17 anos e ele é praticamente um adolescente. E é aí que os fatos não se encaixam.

— Esses são os únicos casos que se tem notícia.
 — O que me diz?
 — Não condiz. É praticamente impossível.
 — O que as mortes podem nos dizer?
 — “Eu estou aqui.”
 — O correto é “Eu estou de volta.”
 — E a próxima pergunta é: Quem?
 — Quem?
 — Pode ser um grupo, uma dupla, um trio.
 — Não. Um grupo não. Se dupla, são macho e fêmea. Se trio, são um macho e duas fêmeas.
 — Por que se refere a quem procuramos de macho e não de homem?
 — O líquido seminal não contém traços humanos.
 — Nenhum?
 — Nenhum. É um líquido seminal semelhante ao da chuva.
 — Como?
 — É uma piada entre médicos cardio vasculares.
 — Estranho. Mas ele pode ter feito vasectomia.
 — Não. Ele não os tem, o que é diferente de não querer tê-los.
 — Filhos, você quer dizer?
 — Bastante. E não se trata de hermafrodita.
 — E por que não uma fêmea e dois machos?
 — Porque com um macho e duas fêmeas suprime-se a hierarquia.
 — Você tem certeza?
 — Absoluta.
 — Eu esperarei pelo final.
 — Elas se encontravam deitadas quando os cortes foram aplicados. O coração foi perfurado durante a aplicação do corte. Os cortes foram aplicados quando elas estavam dormindo ou sonolentas. Primeiro o corte

na garganta e depois o corte em sete. Foi encontrado vestígios de sangue nos lábios das mulheres. O sangue foi colocado lá, pode ter sido colocado com o dedo, a boca ou qualquer outra coisa.

— Que horror! E o meu estômago fraco já está se manifestando.

— Um pouco de água, delegado?

— Não. Continue.

— Viu os corpos, delegado?

— As fotografias. Esses corpos eu não quis ver. Não. Privei-me do contato direto — irrita-se — Mas que merda de rumo desumano tomou este mundo!

— Vamos nos sentar e falar a respeito do tipo de humanos que eram essas mulheres.

Delegado e médica dirigem-se para a mesa e cadeiras.

— Bela observação, delegado. O rumo desumano tomou esse mundo. Os habitantes regem o mundo ou o mundo rege os habitantes? O delegado conhece o princípio simplificado da Lei do Eterno Retorno?

— Eu creio que não.

— Aquilo de que tudo está no seu lugar.

— Agora eu conheço.

— Eu procurarei me informar mais a respeito. Deixe-me ajeitar esses papéis.

— Que caos em cima da sua mesa.

— É uma teoria minha.

— E funciona na prática?

— Quando se ama.

— Passa a noite aqui, doutora?

— Regularmente. Eu não gosto de ser incomodada.

— E quanto a sentir medo. É um caso de dar arrepios.

— Meus pais são médicos cardiovasculares. Eu habituei-me com a decoração.

— São médicos, doutora?

— É como eu os sinto, delegado. Outra cultura, outros costumes.

— Eu não passaria cinco minutos enjaulado.

— Também eu se o lugar me privasse de algo.

— É certo. Sente-se em casa.

— Entre familiares. Eu não levo flores aos túmulos.

— Eu posso ser um pouco indelicado? Pergunta.

— Vá em frente.

— Onde seus pais foram enterrados?

— Não foram enterrados.

- Cremados?
- Não.
- Embalsamados?
- Não.
- Mumificados?
- Não.
- O que, então?
- Eles foram comidos por tubarões.
- Que morte horrível.
- Eles já estavam mortos quando foram comidos pelos tubarões.
- Eu gosto do seu profissionalismo.
- Pois muito bem. Aqui estão as mulheres.

A médica distribui as fotografias sobre a mesa.

- Onde está a senhora de 55 anos?
- Aqui. Eu consegui uma fotografia de quando ela era mais jovem. Nota alguma semelhança com as demais?

O delegado olha sem convicção para as fotografias, evitando um contato direto.

— Por favor, delegado! Se pretende fazer algo por essas mulheres e digo algo de decente, envolver-se é necessário. E se me disser algo que justifique o seu comportamento, eu conto p'ra patroa.

- Doutora! Não pode chegar a esses termos.
- É o que nós vamos ver. Por favor, de olho nas fotografias.
- Não está sendo agradável.
- Agradável estou, mas não condescendente. É trauma ou complexo?

— Agora é psicóloga?

— Também. Tratar do corpo e da alma há muito isso vem sendo praticado. Nada mais do que cobrir o corpo e despachar a alma — a médica sorri.

- Eu não sei do que a doutora possa estar sorrindo.
- É o sexo que o incomoda, não é mesmo delegado?

O delegado cai dentro do mutismo violado.

- É trauma! — a médica sorri.
- É capaz de perceber que está tratando suposições como evidências?

— Precisamente.

O delegado entrega-se a graça, e tomando algumas fotografias em suas mãos. Ele passa a olhá-las clinicamente, ora uma a uma.

— Vê alguma semelhança?

— O branco dos olhos — o delegado sorri.

— E o beijo nos lábios. Isso também eu vi — a médica sorri.

— Nada de muito significativo.

— Foi o que eu também achei, mas a mulher de 55 é o nosso ponto de partida.

— O inverso também é válido. Tanto pode estar regredindo de uma mulher idosa para uma mais jovem quanto estar progredindo de uma mulher mais jovem para uma mais idosa. Ou apenas estar colecionando corpos mutilados.

— Não é um colecionador. Ele as ama. O que pode estar ocorrendo é a criação de um mosaico de traços femininos.

— Defina o mosaico para mim.

— Uma obra artística criada com partes visivelmente distintas.

— A doutora deve concordar que não se trata de um mosaico.

— Eu não fui bem clara. Eu quis dizer traços femininos velados.

Traços que desaparecem no ar.

— É um mosaico interessante.

— Original.

— Original?

— Como o pecado original que todo mundo conhece muito bem.

— Conhecem?

— Estamos prestes a acreditar que aquele que nós procuramos conhece muito bem o pecado original.

— E para que serviria o mosaico original?

— Eu concluí que se podem criar seres fabulosos com o mosaico original?

— Como o quê?

— O mais comum é o dragão.

— Descobriu algo interessante sobre o dragão?

— Não há dragões no Paraíso.

— O que mais se aproxima ao dragão no Paraíso?

— A serpente. E Deus colocou inimizade entre a mulher e a serpente.

O delegado suspira pesadamente.

— Os penteados.
— O que é que tem os penteados?
— Quase inexitem, são praticamente naturais. Moldam-se as suas faces, pode-se vê-las nitidamente da testa ao queixo. Mesmo de perfil o penteado não esconde suas faces.
— Bem observado, delegado.
— E isto é muito vago.
— Não, não é! Inexistem, são praticamente naturais e próprios de suas belezas. Elas não são vistas feias, mas não formam o time da preferência. Não seriam chamadas de gatas, e sim de fofas ou princesas.
— Se maquiadas a rigor e vestidas a caráter seriam chamadas de gatas.
— Se maquiadas, quem não é?
— As virgens.
— Gatas são virgens. Biscates são virgens. As prostitutas são santas. As santas nem aí com essas tais de curiosidades.
— Qual a ocupação delas?
— Temos uma estagiária de advocacia, musicista, gerente comercial, jornalista, assistente social, uma garota de programa e uma analista de sistemas.
— Os exames toxicológicos da garota de programa deram negativo?
— Ela estava limpa como água em copo de cristal.
— Quem é a assistente social?
— A mulher de 55 anos. Aposentou-se enfermeira. Assistia crianças carentes.
— E quanto as autópsias?
— Como assim?
— Fisicamente elas são parecidas?
— Entendo. As estaturas não, mas agora que me perguntou... algo em comum eram as ancas, os quadris, a cintura, fortes e belas, boas para parirem filhos.

Pausa. Ambos tiram suas próprias conclusões.

— Café?
— ...sim, obrigado.
— Puro?
— Puro.
— Acho que eu também vou querer.

A médica se levanta, serve o café nas canecas e volta a se sentar. Eles bebem.

— Esqueça as belas e fortes ancas, doutora.

— Por certo. Mas não é a regra todas as mulheres com o porte físico delas terem formação da bacia perfeita para partos.

— Diria que a medida dos quadris delas são as mesmas?

— Não são as mesmas medidas.

— Diria que é possível alguma espécie de relação do tipo estatura/peso?

— Diria que não.

— Então, trata-se de um grande conhecedor de quadris.

— O mais provável nos diz que este tipo de mulher sente atração por ele. Ele não se aventura atrás de mulheres.

— Como é possível saber isso?

— O estro é muito bem aplicado nesse caso. Entenda-se o período que a fêmea está pronta para receber o macho.

— Pronta para a reprodução e sabemos muito bem que ele é estéril como um diamante.

— Nem tanto aos Céus, delegado. No mundo animal existem algumas fêmeas que se transformam em machos e machos que se transformam em fêmeas. E alguns machos se encarregam de finalizar o ciclo de reprodução. Quanto a ele não se reproduzir... Quem sabe?

— Uma coisa de destino?

— Aquilo do amor sempre trazer tudo de volta a vida? Pode até ser. Elas se sentiam amadas, e com certeza, elas são amadas. Arrisco dizer que elas são da mesma espécie que ele, mas não do mesmo planeta.

— Deixe de lado esse romantismo, doutora!!! — escandaliza-se o delegado — Trata-se de um assassino que leva as mulheres para a cama e depois as mata.

— Ele não as mata depois de se deitar com elas! Ele já tinha se deitado com elas antes. Isto é óbvio.

— Tanto pior. Depois que se cansava delas ele as matava.

— Delegado, por favor! — irrita-se a médica.

— Ele as matou, não matou?

— Isso não é tudo.

— Frances, por favor! — irrita-se o delegado.

Cada qual lida com a sua própria irritação. E rendem-se.

— Está ofuscada pelo fruto da sua imaginação, doutora.

— Bem mais do que isso.

- Como assim?
- No final, delegado. E isso de maníaco que seduz e mata mulheres não condiz com a realidade.
- Estão informados. É o que importa.
- No dia da sua apresentação do caso para a mídia, como irá expor o relacionamento dele com a mulher de 55 anos?
- Eu serei muito breve e pouco abrangente. Darei nomes, datas e material fotográfico. E nenhum suspeito.
- Por que omitiu este fato do público, delegado? Essa pergunta é óbvia?
- A maneira dele agir. Ele não as encontra nas ruas, bares ou qualquer lugar público e as mata friamente. Ele mantém um relacionamento amável e aberto com a vítima.
- O que faria a mulher de 55 anos se entregar a ele, delegado?
- É uma pergunta difícil.
- Não, não é! Ela se sentiu amando e sendo amada. Qual a idade da sua esposa, delegado?
- Não vá muito além, doutora. Eu não vou contar-lhe sobre a nossa intimidade conjugal.
- A curiosidade é um bom condutor de lembranças dos reconhecidamente desajustados. E da forma como o comportamento das pessoas vem se mostrando superficial, pobre e bruto; a curiosidade mostra-se mãos estendidas. E ficarão curiosos quanto a forma dos cortes. Em sete.
- E o que se pode especular sobre o número sete?
- Segundo uma publicação, o sete está associado esotericamente a vários fenômenos, personalidades e conceitos.
- Exemplos?
- Sete dias da criação. Sete pecados capitais.
- Foram mais de sete mulheres.
- Em relação ao número sete o mais considerável é Caim.
- E também assassino.
- Nunca lhe passou pela cabeça que Caim somente pode amar a Deus como um irmão mais novo.
- Deus, então, é o irmão mais novo de Caim? Essa é nova!
- Deduz-se. Abel é a representação de Deus sobre a terra e igualmente Caim no Paraíso. E ficamos por aqui. Estamos nos desviando do nosso assunto.
- Acredita muito no amor, não é mesmo doutora?
- Restou-me muito pouco no que acreditar.
- E esse muito pouco não se renovou ou pode ser substituído.
- Não.
- Se ele as ama por que ele as matou?

- Um amor antigo dos antigos.
- Uma estória de amor muito mal contada e sem final feliz.
- Ainda não chegou ao seu final.
- Para aquelas mulheres, chegou.

A médica sorri se engraçando.

— É melhor abandonar esse caso, doutora. A sua imaginação romântica do assassino está interferindo na investigação.

— Já se sentiu bem em estar cansado, delegado?

— Como assim?

— Cansado, mas ainda capaz de ter forças para fazer algo de bom.

— Como?

— Pano s quentes.

— Entendo. ... Creio ter passado por isso uma vez e outra. Foi na volta da praia, num dia de folga muito divertido, com a família. Chegamos tarde e eu ainda tive de descarregar o carro para trabalhar no dia seguinte.

— Já fez amor se sentindo muito cansado, delegado?

O delegado sorri se engraçando.

— Assim se deu, delegado. Aquelas mulheres sentiam-se bem em estarem cansadas. Não se viram agredidas, pois não foram. E se viram algo, não posso garantir, mas eu acredito que elas chegaram a sorrir, foram tomadas nos braços e beijadas. Não viram nenhum demônio de olhos faiscantes sobre elas, esbravejando o quanto elas foram estúpidas e vadias enquanto eram retalhadas, pois não foram. Não foram.

— Agraciadas com a noite extasiante de amor, elas descansaram embevecidas. Tenha bom senso, doutora. Para que tanto trabalho?

— Estilo. Ou o seu final feliz, delegado. Ele pode vir a embalar a lâmina e se deitar ao lado da mulher.

— Quando? Quantas?

— Uma sobreviverá, delegado. Isto é certo.

— E ela nos falará a respeito de um suspeito ou de um amante caloroso? — o delegado se inflama — E já temos o suspeito! Mulher! Se você está se sentindo realizada e feliz no seu relacionamento com um homem, chame a polícia! ... Por que o tem em tamanha consideração, doutora?

— É um cavalheiro. E nós conversamos bastante.

— Eu não entendi.

— Nós conversamos pelo computador, delegado, numa dessas salas de bate-papo.

— Quando?

— Um dia desses.

— Como ele soube que você estaria numa dessas salas de bate-papo?

— Não é difícil descobrir hábitos de pessoas ligeiramente solitárias. E ele usou o meu nome para entrar nas salas de bate-papo e se apresentando como se fosse eu, daí a isso chegar aos meus ouvidos foi uma questão de poucas horas. Eu deixei a coisa prosseguir, tinha afazeres mais importantes. Ficou sabendo dessa estória, não ficou?

— Ligeiramente. Eu não tenho paciência para esse tipo de coisa. Quero dizer... não tinha até esse momento.

— Então, uma amiga minha me ligou chorando... Frances! Frances! Como você pôde me dizer aquilo? Eu disse que não era eu. E ela continuou choramingando... Como não?! Eu contei do meu relacionamento com o meu marido apenas para você. E você me vem com uma punhalada no coração. Eu continuei negando e ela choramingando. Finalizando, ainda somos amigas. E não é difícil fazer sangrar as feridas das mulheres mal amadas. Depois dessa, eu resolvi entrar na sala. Ela me deu as coordenadas e eu entrei de cabeça. E estou numa queda em parafuso até agora.

— Vocês conversaram abertamente com todas aquelas pessoas na sala?

— Bem... Eu entrei na sala me apresentando como a própria, como dublê daquela pessoa que estava se passando por mim. Ele me perguntou: *Como eu posso saber que você é você?* Eu: Por que não seria eu? Ele: *Porque eu tenho uma umidade entre as pernas me perturbando.* Eu: A minha também me causa incômodos. Ele: *A minha vem da cabeça.* Eu: A minha vem do coração. Ele: *Se a incomoda, arranque-o fora! Resposta errada. A minha vem dos lábios. A resposta certa. Tchau!* No que constou abandono de sala, eu saí digitando tudo que era tipo de apelo para ele voltar. E não obtendo resposta, os demais na sala começaram a se dirigir a mim; alguns me acalentando e outros me agredindo. Então, começou a aparecer os dublês das pessoas que estavam na sala. Os dublês vinham com a mensagem: *Eu sei quem você é e este será o teu fim.* Algumas pessoas abandonaram a sala no ato. As outras foram sendo de tonadas pelos dublês. No final, ninguém mais sabia quem era dublê ou pessoa. E deu a conversa entre nós. Com certeza, ele estava acessando a sala usando outros computadores. E não é monstro, nem pervertido.

— Eu sabia que cedo ou tarde ele apareceria. É a velha estória, querem chamar a atenção, serem vistos os melhores. Não suportam o anônimo, preferem ser procurados. Loucos! Loucos! Ele se apresentou com algum nome?

— Não desse mundo.

— Frances!

A médica se levanta, caneca à mão, junto a mesa de café ela se serve de uma bebida de alto teor alcóolico e apenas molha os lábios.

— O nome, Frances.

— Arcanjo.

— Arcanjo?

— Ele me deixou um recado na minha caixa postal. “Se sua luz; não ilumina. Se seu brilho; brilho nenhum. Firmada está em glória a medida da altura em distância; aos pedaços e são linhas. Não produz sombras. Veladas, então, as cortinas rasgadas.” Tem tudo a ver.

— Não se entusiasme tanto com essa mensagem, Frances.

— Não é mensagem. É um enigma.

— Esse caso está repleto de enigmas. O que você conseguiu descobrir ligado diretamente ao caso?

— Olhe para o corpo sobre a mesa, delegado.

O delegado se aproxima e colhe detalhes da fisionomia da mulher morta sobre a mesa de autópsia.

— Encontre-a entre as fotografias sobre a mesa.

As fotografias sobre a mesa, uma a uma, recebem um delicado tato impudico.

— E então, delegado?

— É essa.

— E quem é essa?

— A mulher de 55 anos.

— E essa mulher sobre a mesa lhe parece ter 55 anos?

— Não.

— Não? E como a reconheceu, delegado?

— Nessa fotografia que eu estou segurando a mulher de 55 anos deve ter de 25 a 30, 35 anos. Ela...? É ela?

— Não.

— Algum parentesco?

— Não que eu saiba.

— E quando ela foi encontrada?

— Não foi.

A médica puxa o lençol que cobre o corpo da mulher. O delegado se assombra, a mulhernão apresenta a garganta cortada e nem o corte na forma de sete. Numa observação mais apurada, o delegado percebe apenas algumas escoriações nos joelhos da mulher.

— Alguma relação como o Arcanjo?

— Ela era uma das pessoas que estava na sala de bate-papo quando eu e o Arcanjo conversamos. Ela falou a respeito de mim a uma enfermeira.

— E o que foi conversado entre vocês?

— Eu estava tão entretida comigo mesma que não dei atenção para o que os outros digitavam.

— Qual a causa da morte?

— Ela deu entrada no hospital com vida. Morreu devido a inalação de alta dosagem de gás de cozinha.

O delegado ainda faz suas conjecturas quando a médica lhe entrega uma foto retirada do bolso.

— Esse é o outro corpo, delegado. Diga-me qual a cor do alfinete.

O delegado olha a foto e rende-se a fadiga emocional. A médica retira o avental e o coloca sobre o encosto da cadeira.

— Eu estou pronta para aquele jantar surpresa. Vamos.

— É uma piada, não é?

— Não. Ajude-me a cobrir o corpo.

— Claro. Mas eu me referia a este cartão postal.

— E a resposta continua sendo não.

— E as escoriações nos joelhos?

— Ela ficou de joelhos enquanto pôde. Ela orava enquanto a vida lhe parecia muito doce. Vamos?

— ...Claro. Ela fechou as portas e janelas, abriu as válvulas de gás, se ajoelhou e aos prantos e docemente ela se pos a orar.

— Eu o sigo no meu carro.

Depois do jantar o delegado acompanha a médica até o carro.

— Foi maravilhoso. Obrigada pelo jantar. A patroa é um amor de pessoa.

— Teremos outros jantares.

— E coisas bonitas para contar.

A médica entra no carro. O vidro da porta do motorista desliza.

— Ele nos fará uma visita

— Em que sentido?

— Estaremos com ele pessoalmente — a médica sorri —
Pessoalmente é um pouco vago, mas...?

— Tenha cuidado, Frances. Ele ou o que quer que seja é muito perigoso.

— Eu não receberei o mesmo tratamento dado as outras mulheres. E isso também é muito vago. Eu tenho receio e me sinto feliz.

— Eu lhe peço, Frances, muito cuidado. Não seria melhor você se afastar do caso. Eu serei obrigado a pedir o seu afastamento caso você se exponha abertamente.

— Eu sei. E tomarei muito cuidado. Fique tranqüilo. Aqui está o número do meu celular.

— Agora eu estou um pouco mais tranqüilo. Só um pouco! Eu posso lhe fazer uma pergunta um tanto indelicada?

— Vá em frente. Eu não tenho de responder mesmo.

— Com quantos anos você está, Frances?

— Quantos anos você acha que eu tenho?

— 55.

O delegado acaba sorrindo. A médica liga o carro.

— Entre. Eu estarei bem. Boa noite, delegado.

— Boa noite, Frances.

A médica manobra o carro e dá-se de distanciar.

No quarto do casal. O delegado é acordado aos berros.

— Querido! Querido! Querido! Acorde! Acorde!

— O que houve? — ainda sonolento — Deus do Céu! Deixe-me acordar.

— Encontraram outro corpo. Trucidado!

— Trucidado?!

— A vítima foi decapitada, seu corpo foi arrastado para um canto escuro e suas carnes foram separadas dos ossos. Um horror! Um horror! Um horror!

— Frances!

— Foi a primeira a vir em meus pensamentos. Ligue para ela.

O delegado faz a ligação do telefone próximo à cabeceira.

— Está chamando — diz sorrindo — Desligou... — diz se perturbando.

— Desligou ou caiu a chamada?

— Desligou.

— Você discou o número certo?

— Vamos tentar de novo.

— Um número de cada vez, querido.

— Eu sei. ... Continua desligado.

— Não pode ser. Santo Deus!

— Eu preciso encontrá-la o mais rápido possível.

— Então você pode começar vestindo isso.

A patroa não consegue conter o riso ao exibir uma escandalosa calcinha para o delegado.

— 1º de abril!!!

— O que deu em você?! Brincar com um assunto desses! É um caso muito sério e estressante, querida.

— Brincaram comigo e me fez rejuvenescer um 20 anos!

— Quem brincou com você?

— Um gato — diz a patroa sorrindo.

— Um gato brinca com a minha mulher e ela não me diz nada.

Como é esse gato?

— Outro gato.

— Eu conheço esse gato que é outro gato?

— Eu te amo.

O delegado é abraçado e a patroa se mostra feliz da vida.

— Então, você ligou para a Frances e combinaram essa brincadeira?

— Foi. Eu pedi a ela para não atendê-lo.

— Que horas são?

— Cedo.

— Ela precisa descansar, querida. Cada minuto de sono dela é muito importante.

— Ela me disse que trabalharia até de manhã. E eu não vi nenhum mal nisso.

— Tudo bem.

— É o dia da sua folga, querido! E eu quero aproveitar cada minuto dela.

A mulher do delegado o beija com o propósito de fazer amor. E avançam nas preliminares.

— Eu te quero dentro de mim, meu amor.

— Então, veste essa calcinha. Veste.

— Você deve estar louco.

— Veste. Coloca. Coloca, querida.

A mulher cede aos pedidos do marido.

— Que loucura! Vem! Vem! Depressa, meu amor.

A mulher atira-se sobre a cama. O telefone começa a tocar.

— Não atenda. Desligue.

O delegado divide-se entre a mulher e o telefone.

— Merda! — atendendo o telefone — Alô?

A fisionomia do delegado torna-se circunspecta e carregando-se de pesares. O delegado fecha a chamada e se mantém calado e pesaroso. A patroa se inquieta.

— O que foi, querido?

— Encontraram outro corpo. Trucidado. As carnes foram separadas dos ossos. A mulher explodiu de dentro para fora. Ou coisa parecida. Os ossos estão todos no chão dentro de uma poça de vísceras e sangue. Todos os ossos estão intactos, pode-se até dizer que sem nenhum arranhão. Explodiu... Explodiu... assim do nada.... a um sem-número de olhos.

As emoções dentro do quarto são tomadas pelos ares do horror.

(a ser continuado)

